

**A FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES E A IMPLEMENTAÇÃO DA  
LEI 10.639/2003: O QUE MUDOU NO COTIDIANO ESCOLAR DA REDE  
MUNICIPAL DA SERRA/ES.**

Hileia Araújo de Castro<sup>5</sup>  
Giovanna de Paula Guimarães<sup>6</sup>

**Resumo:** Este estudo tem por objeto o modo como o curso de formação continuada em educação para as relações étnico-raciais influencia as práticas didáticas dos professores. Foi realizado a partir de cinco projetos desenvolvidos em escolas da educação infantil e do ensino fundamental da rede municipal de educação da Serra/ES. Utilizamos alguns aportes teóricos, tais como: MUNANGA, BARRETO e ANDRADE, GOMES, FREIRE, PIAGET, CAVALLEIRO, entre outros. Observamos a objetividade de ideias, a metodologia aplicada, a consistência e viabilidade na realização dos projetos ao elaborarmos este artigo. Ao analisar o trabalho dos docentes na escola, observamos o constante diálogo com a construção da identidade negra, combate ao racismo e valorização e orgulho do pertencimento étnico de acordo com as diretrizes nacionais.

**Palavras-chave:** Formação continuada; Professores; Relações Étnico-Raciais; Negritude.

**Abstract:** The present study purpose is how the continuing education course in education for Étnico-Raciais relations influence the teaching practices of teachers. Held from five projects developed in school of the Basic Education of the Municipal Education Network of Serra / ES. We used some theoretical contributions, such as MUNANGA, BARRETO and ANDRADE, GOMES, FREIRE, PIAGET, CAVALLEIRO, among others. We observe the objectivity of ideas, the applied methodology, the consistency and feasibility in the realization of the projects in the elaboration of this article. By analyzing the work of these teachers at school noticed the constant dialogue with the construction of black identity, combating racism and appreciation and pride of ethnic in accordance with national guidelines.

**Keywords:** Continuing education; Teachers; Racial Ethnic Relations; Blackness.

## 1. INTRODUÇÃO

A lei 10.639/2003 e as diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana, vem valorizar historicamente a contribuição dos negros na construção e formação da sociedade brasileira. Porém sabe-se que, a lei só sairá do papel se professores e alunos tiverem acesso à formação sobre a temática racial. Torna-se necessário que os envolvidos com a educação sejam

---

<sup>5</sup> Mestra em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Coordenadora de Estudos Étnico-Raciais e Diversidade (CED) da Secretaria Municipal de Educação de Serra, ES, Brasil. E-mail: hileiacastro@gmail.com.

<sup>6</sup> Graduada em História. Especialista em Psicopedagogia. Membro da equipe de Estudos Étnico-Raciais e Diversidade (CED) da Secretaria Municipal de Educação de Serra, ES, Brasil. E-mail: mamaegiovanna2009@hotmail.com.

preparados para vivenciarem diariamente no contexto escolar, alternativas e práticas que ajudem a formar seres humanos mais justos e solidários.

Os cursos de formação continuada para docentes em educação para as relações Étnico-Raciais promovidos pela Secretaria Municipal de Educação da Serra, tem por objetivo, mais que suprir as lacunas na formação inicial de professores pela inclusão de conhecimentos, muitas vezes não contemplados nos cursos de licenciatura, propiciar reflexões sobre como as práticas didáticas nas escolas contribuem para perpetuar, ou extinguir o racismo.

Ao organizarmos os cursos, partimos do princípio que a educação brasileira, assim como a cultura do país, remonta a uma tradição racista construída na época colonial e, que é reconstruída cotidianamente desde então. Assim, após séculos de escravidão, os negros foram lançados numa sociedade preconceituosa, de forma desarticulada, sem qualquer apoio para que tivessem condições de se estabelecerem (SILVA, 2007 p.6).

Sempre negada, a ancestralidade e cultura negra tem em suas tradições religiosas, o principal alvo de perseguição. Essas religiões são também exemplos de resistência e luta pela preservação das tradições. A pele negra e o cabelo crespo são fatores de exclusão até os dias atuais, o racismo presente na ideologia da sociedade não permite a construção e fortalecimento da identidade das crianças e jovens negros no espaço da escola (GOMES, 2005).

Compreendemos que para a construção de uma sociedade mais justa, independente do pertencimento racial de sua população, é necessário que todos os educadores tenham acesso aos estudos Étnico-Raciais. Esse conhecimento constitui o fulcro para que os professores possam desempenhar seu papel no reconhecimento e valorização da história e cultura dos afro brasileiros e indígenas, da diversidade étnica na formação da nação brasileira, e do direito à educação de qualidade para todos, contribuindo para o estabelecimento de relações igualitárias (BRASIL, 2004).

Assim, para que os professores possam ressignificar suas práticas abordando as questões raciais e da diversidade, a Secretaria Municipal de Educação, através da Coordenação de Estudos Étnico-Raciais e Diversidade/CED, desde 2010 trabalha com cursos de formação continuada em educação para as relações Étnico-Raciais, com carga horária de 180 horas, a cada ano.

Porém, isso não basta se não estabelecermos um perfil do docente que vai ministrá-lo. Sendo

assim, são selecionados profissionais que tenham práticas didáticas inclusivas e que fazem a diferença nas unidades de ensino nas quais trabalham, sendo eles militantes ou não de movimentos sociais. É importante que estejam preocupados em trabalhar com uma visão atualizada, não estereotipada e que apresentem os conteúdos que envolvem essa temática, positivamente e valorizando a cultura afro-brasileira.

Convidamos também, professores de universidades e institutos federais, bem como personalidades do movimento negro e dos movimentos sociais para os seminários de abertura e encerramento dos cursos.

Acreditamos que, desse modo, nossos objetivos em qualificar os profissionais para o exercício do trabalho didático-pedagógico e conceitual sobre as relações Étnico-Raciais e o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira, podem ser cumpridos. Assim, propiciamos espaços para a reflexão e o intercâmbio das práticas pedagógicas e estimulamos, no professor cursista, o exercício do pensamento teórico-reflexivo a respeito das questões Étnico-Raciais, habilitando-o ao debate e à intervenção nas ocorrências de práticas racistas e discriminatórias no cotidiano da escola.

### **Análise dos projetos de intervenção pedagógica executados**

A elaboração deste artigo tem por base os relatos de experiência dos docentes da Educação Básica do município da Serra/ES que participaram do curso de formação de professores em educação para as relações Étnico-Raciais e diversidade. Essa temática foi desenvolvida no curso, em quatro disciplinas, a saber: História Africana e Afro-brasileira; Geografia e cartografia do continente africano; Construção das Políticas Públicas de Ações Afirmativas, Direitos Humanos, Movimento Negro, Movimentos Sociais e Relações Étnico raciais no Brasil Contemporâneo; Formação Nacional no século XIX: a construção sócio histórica do racismo e suas consequências no Brasil.

Estas disciplinas focadas e referenciadas nas diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações Étnico-Raciais e história e cultura afrobrasileira e africana e, em autores como Alberto da Costa e Silva, Kabenguele Munanga, Marina de Melo e Souza, Nilma Lino Gomes, Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, Flávia Piovezan, entre outros, permite aos professores uma abordagem diferenciada e atualizada.

Nosso entendimento é o de que cursos como estes trazem resultados positivos na implementação da Lei 10.639/2003. Temos conhecimento de que, para a efetividade de uma

prática pedagógica voltada para a equidade das relações Étnico-Raciais é necessário a desconstrução de uma herança histórica de desvalorização das diferentes etnias que formam a nação brasileira e, também, dos processos pedagógicos desencadeados a partir de uma história essencialmente eurocêntrica. Trata-se de desfazer, refazer e fazer mentalidades (SILVA, 2007, p. 11).

O curso foi construído com ênfase na relação teoria e prática, adotando como pré-requisito para sua conclusão a construção e aplicação de um projeto de intervenção pedagógica na escola, na qual o professor cursista trabalha. Essa exigência permite que conheçamos a extensão da assimilação dos conhecimentos pelo professor, bem como sua atitude no combate ao racismo e discriminação. Este ano, dos trinta e oito projetos desenvolvidos, selecionamos cinco para serem analisados nesse artigo, objetivamos averiguar em que medida a formação continuada produziu efeitos nas práticas docentes dessas profissionais. Portanto, traçaremos um panorama dos projetos de intervenção que selecionamos e que foram desenvolvidos pelas professoras participantes do curso e, concluiremos apresentando algumas considerações.

Analisaremos a seguir a escrita, execução e rumos tomados por estes projetos. Vale notar que todas as professoras primaram por desenvolvê-los em meio a suas práticas didáticas cotidianas, ou seja, permeado ao conteúdo curricular prescrito pela unidade de ensino.

### **Projeto 1. “Não há tonalidade na inteligência e na beleza”**

Esse projeto foi desenvolvido, com turmas do 3º e 5º ano do Ensino Fundamental pelas professoras Marussa Campos Ferreira e Rafaela Moreira Camargo<sup>7</sup> tendo por base os conceitos enfatizados durante o curso. Partiram do entendimento de que a escola não pode deixar de lado as questões que reafirmam o racismo e dão continuidade ao processo excludente e de marginalização dos grupos étnicos. Seu objetivo maior foi levar os estudantes e colegas professores à compreensão de que beleza e inteligência não estão vinculados à cor da pele. Sendo assim, procuraram a parceria de todos os colegas docentes da escola, obtendo apenas a colaboração das professoras de Artes e Educação Física.

A metodologia se deu em várias etapas: o trabalho com conceitos em sala de aula que

---

<sup>7</sup> Optamos por não divulgar aqui os nomes das escolas, pois não houve tempo hábil para levarmos um termo de autorização a ser assinado pelo diretor. As professoras citadas autorizaram a divulgação de seus nomes e trabalho.

resultou em um seminário, com participação ativa no debate de todos alunos dos quintos anos; orientação para que cada aluno construísse o seu perfil, como no Facebook, montando um mural com os perfis e trazendo para o debate a situação vivida pela atriz Tais Araujo, ao final do debate, cada estudante escolheu uma das frases ofensivas e escreveu uma resposta; apresentaram personalidades negras de destaque na sociedade brasileira, promovendo pesquisas biográficas e a construção de retratos enfatizando que beleza e inteligência estão presentes em todas as etnias.

Outra metodologia utilizada foi a literatura infantil afro brasileira com o livro: “Minha mãe é negra sim!” de Patrícia Santana (2008). Procurando reflexionar com as crianças sobre a sabedoria africana, e, utilizando, também, alguns contos africanos como: “Anansi e o baú de histórias” (PORTAL DOS MITOS, 2013), “A rã Mainu” (SANTOS, 2014) e “Os dois reis de Gondar” (SOLER-PONT, 2009). Trabalharam o racismo na publicidade e a importância das ações afirmativas para a realidade social do negro no Brasil atual. A ancestralidade, corporeidade e musicalidade na capoeira, na dança “Shosholoza”<sup>8</sup> e na coreografia criada pelas professoras e alunos a partir da música “Normal é ser diferente”<sup>9</sup> Jair Oliveira (2016).

## **Projeto 2. “O tabuleiro da baiana”**

Esse projeto foi desenvolvido em três turmas do Grupo V de um Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI, pelas professoras Edircéia Marlene Bandeira da Silva, Dinaura Aparecida Nogueira Azevedo e Maria Madalena Coelho Vieira, iniciou-se com a leitura e debate da obra “O tabuleiro da baiana” de Sonia Rosa (2006) tendo por objetivo que os estudantes reconhecessem sua identidade, valorizando sua imagem e a diversidade racial.

A metodologia adotada foi leitura da história; realização de rodas de conversa; a exploração da oralidade; utilização da escrita com desenhos e dobraduras; apresentação da Banda de Congo Mirim de Nova Almeida; contação da história da origem da festa de São Benedito na Serra com pintura de murais contendo o navio Palermo e partes da história que eles

quissem desenhar.

Outra metodologia foi a apresentação da música “No tabuleiro da baiana” de Ari Barroso,

---

<sup>8</sup> Dança folclórica do Zimbábue. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/lotti-helmut/666432/traducao.html>>. Acesso em: 10 out.2016

<sup>9</sup> OLIVEIRA, Jair. Normal é ser diferente. Disponível em: <[https://www.vagalume.com.br/J/Jair\\_Oliveira/](https://www.vagalume.com.br/J/Jair_Oliveira/)>. Acesso em 10 out. 2016.

1936,<sup>10</sup> interpretada por Caetano Veloso; daí foram criadas coreografias envolvendo alunos e professoras. Com a participação das famílias, construíram um livro de receitas da culinária baiana, com degustação.

### **Projeto 3. “Jogos e brincadeiras africanas, abrindo espaços para novas reflexões”**

Foi desenvolvido em uma EMEF, na turma de 1º Ano pelas professoras Norma Lopes Soares e Bianca Jahel Boreli, sendo uma, regente de classe e, a outra de Educação Física. Esse projeto conquistou a adesão de várias docentes da escola, que desenvolveram oficinas de confecção de máscaras africanas, instrumentos musicais, colares e bonecas abayomis<sup>11</sup>.

Seus objetivos foram: criar oportunidades para as crianças ampliarem seus conhecimentos sobre africanidade através de atividades lúdicas e interativas sobre a história do povo africano e afrobrasileiro com o intuito de romper com o modelo eurocêntrico; ampliar o círculo de brincadeiras, despertando nas crianças a solidariedade e coletividade; conhecer os diferentes tipos de jogos e brincadeiras de costume africano; conhecer e identificar as diferenças e semelhanças entre jogos brasileiros e africanos; ressaltar a importância africana na formação de diversas áreas de conhecimento como as artes, esporte, música e literatura dentre outros.

A metodologia utilizada nas oficinas foram jogos e brincadeiras. Assim, trabalharam: Mathacozana e Terra-mar de Moçambique; Meu Querido Bebê da Nigéria e Kamishi Mpuku (gato e rato) do Congo, além de cantigas como: Guerreiros Nagô e Zama Zama<sup>12</sup>.

Considerando que o continente africano possui em seus países, uma variedade de jogos e brincadeiras que perpassa gerações, faz-se necessário que as escolas se apropriem de tais conhecimentos e por meio destes oportunize as crianças uma nova visão sobre a cultura

africana e sua importância para o desenvolvimento do povo brasileiro. Assim, de acordo com Barreto e Andrade (2012. p. 25 - 40),

trabalhar com temas relacionados a africanidades torna-se um grande desafio para o

---

<sup>10</sup> BARROSO, Ary. **No tabuleiro da baiana**. 1936. Caetano Veloso e Gal Costa, vozes. Álbum Aquarela do Brasil. Polygram/Philips, vinil, 1980. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br>> MPB > G > Gal Costa >> Discografia. Acesso em 10 out.2016.

<sup>11</sup> VIEIRA, Kauê. Bonecas abayomi: símbolo de resistência, tradição e poder feminino. Disponível em: <<http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>>. Acesso em: 11 out.2016.

<sup>12</sup> II Semana da Consciência Negra. UFPA/CUTINS. 2010. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2015/11/Apostila-Jogos-infantis-africanos-e-afro-brasileiros.pdf>>. Acesso em: 11 out.2016.

educador, por mexer com as estruturas institucionais que, na maioria das vezes, estão carregadas de preconceitos alimentados durante anos pela história com apelo eurocêntrico sobre o povo africano.

As mesmas autoras apontam, que muitos destes preconceitos são nutridos dentro da própria escola, de forma contínua, contribuindo para a permanência do racismo com a etnia africana. Daí a escolha de jogos e brincadeiras por serem atividades importantes para o desenvolvimento da criança e elas os utilizarem a todo momento, pois é através das brincadeiras que a criança percebe o mundo que a cerca e reorganiza as situações que vivência. O brincar é a linguagem que a criança utiliza para se expressar no mundo, vê-lo e ser vista por ele, assim descobrir o mundo e interagir com seus pares. Quando incentivada de maneira consciente, adquire novas habilidades, desenvolve a imaginação e a autonomia.

#### **Projeto 4. “Explorando a África suas formas e cores”**

O quarto projeto aqui exposto foi realizado em um CMEI com turmas do grupo IV (4 anos) e conquistou a adesão de todo o turno vespertino. Dele participaram professoras regentes Jéssica Broetto de Oliveira, Rosa Maria de Lyrio Ferreira e Rosalina Gouveia Soares. Utilizando como ponto de partida a obra de literatura infantil “Formas e cores da África” de Mércia Maria Leitão e Neide Duarte (2014), teve por objetivo trabalhar com o lúdico para: promover atitudes positivas de reflexão do próprio comportamento dos estudantes para consigo mesmo e para com o outro, na construção de suas identidades e em suas singularidades; desenvolver o respeito a diferença aprendendo a identificar e combater qualquer forma de preconceito; reconhecer suas características físicas e elevar sua autoestima.

A metodologia desenvolvida partiu da leitura do livro, de rodas de conversa, registro em forma de desenhos, confecção de livrinhos, montagem do baú com segredos da África e confecção de animais com materiais reutilizados. Assistiram vídeos e concluíram realizando um desfile da cultura negra na escola.

A literatura infantil pode ser considerada uma forma de recreação importante na vida dos alunos da educação infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental, por manipular a

linguagem verbal, pelo papel que desempenha no crescimento psicológico, intelectual e espiritual da criança, e pela riqueza de motivação, de sugestões e de recursos que oferece para a sua formação leitora e de mundo. Contudo este instrumento deve ser utilizado como forma de promover a cidadania, a valorização das diferenças e o respeito a cultura do outro e

as diversas culturas que construíram a nação brasileira. No que tange a história e cultura africana e afrobrasileira, devemos valorizar as diversas formas de expressar a cultura, seja por meio da arte, da estética e mesmo da literatura de modo a estimular o sentimento de pertença do estudante a seu grupo étnicos.

### **Projeto 5. “Educação para as relações étnico raciais”**

Desenvolvido pelas as professoras Eliane Alves Luz Magnoler e Ione Aires Santos Barbosa, uma, regente de quinto ano (Fundamental I) e a outra, professora de Língua Portuguesa do sexto ano (Fundamental II), objetivavam reduzir as piadas, troca de ofensas, apelidos pejorativos e xingamentos referentes à cor da pele, frequentes entre os alunos.

Diante dessa realidade, utilizaram a metodologia de intervenção colaborativa, com temáticas concernentes à superação do racismo em sala de aula, observando o processo de interação e identificação dos alunos. Trouxeram como aporte teórico para sua pesquisa-ação os questionamentos formulados por Andrade (2005, p. 120) quanto à constituição da identidade e do orgulho da criança negra, quando busca na memória a história do seu povo, do papel desempenhado na história do Brasil e do modo como a família administra as inquietações – ou o silêncio – dessa criança. E concordaram com a autora quando esta afirma que

[...] é a ausência de referência positiva na vida da criança e da família, no livro didático e nos demais espaços mencionados que esgarça os fragmentos de identidade da criança negra, que muitas vezes chega à fase adulta com total rejeição à sua origem racial, trazendo-lhe prejuízo à sua vida cotidiana (ANDRADE, 2005, p.120).

Somando esses questionamentos aos seus, buscaram em Munanga (1999) e nos conhecimentos adquiridos durante o curso “Educação para Relações Étnico-Raciais e Diversidade”, uma a perspectiva de estratégias de combate à discriminação racial. Seu objetivo centrou-se em aumentar a autoestima dos alunos negros para que se reconhecessem como tal. Buscaram, ainda, desenvolver com os alunos/as a capacidade de analisar textos, imagens e obras que retratem a identidade e cultura negra e de refletir sobre os padrões de beleza ditados pela mídia.

Foi apresentada aos alunos a obra literária, “Minha mãe é negra sim!” de Patrícia Santana (2008) dialogando com a cor da pele e tradições familiares. Estimulando a construção de desenhos, textos e de um “Álbum de Família”. Concluíram expondo textos e desenhos, fotos de familiares, apresentação artística em forma de canção, declamação de poemas e dramatização.

A ação pedagógica foi pautada em atividades de modo a estimular a reflexão e criticidade

dos alunos no entendimento de que existe o racismo, que fere pessoas e trazem consequências para formação para todos os estudantes. Os alunos foram motivados a relatar suas experiências e fazer conexões com a realidade escolar em que vivem.

### **Análise dos resultados**

Consideramos que os objetivos dos projetos foram alcançados, tendo em vista o testemunho dos professores de que o tratamento entre os estudantes melhorou significativamente; o reconhecimento da identidade dos alunos negros ficou patente em seus comportamentos e atitudes como as das meninas soltando os cabelos e todos com orgulho de seu pertencimento racial. Entendemos que as professoras cursistas souberam direcionar suas práticas pedagógicas, introduzindo e traduzindo para o contexto da escola várias abordagens do debate racial.

Consideramos que a sala de aula propicia um olhar vasto de singularidades e, que estas devem ser respeitadas e trabalhadas por toda a vida escolar. O bombardeio eurocêntrico cotidiano das mídias e, a herança cultural racista de nossa sociedade, impõe a necessidade de continuidade das atividades Étnico-Raciais, pois percebemos que parar significa retroceder e abrir espaço para o preconceito. A jornada apenas começa na Educação Infantil e deve ser prolongada a todas as etapas de ensino, da Educação Básica à Superior.

De acordo com depoimentos das cursistas, se tivessem adquirido tais conhecimentos quando estudantes, ao se depararem com o universo da sala de aula, teriam adotado, já há tempo, posturas diferentes no combate ao racismo e na valorização da cultura africana e afrobrasileira. Acreditamos que os saberes e fazeres construídos no curso de formação para professores no município da Serra/ES vai além dos muros da escola, atinge em cheio nosso eu, e a desconstrução do que nos foi enraizado como ensinamento ao longo de gerações.

O preconceito, segundo Borges, Medeiros e D'Adesky (2002. p. 57),

[...] é um julgamento que fazemos de uma pessoa, ou grupo de indivíduos ou povo que não conhecemos. Trata-se de um juízo de valor que fazemos a priori sem fundamentos ou razão, apenas por desconhecer ou ignorar a cultura do outro. Estes também são motivados por conceitos prescritos a partir de uma outra visão, perpetuados em uma cultura e passando a fazer parte da rotina e do pensamento de um grupo social”.

Assim, a escola, um dos primeiros espaços de socialização a fazer parte da vida do indivíduo, considerada lugar de produção e construção de conhecimentos diversos, torna-se um palco favorável a disseminação e reafirmação do racismo e do preconceito, pois tais práticas perpassam pelas falas equivocadas dos profissionais ali presentes. Estar atento a essas falas,

corrigi-las e reorganiza-las faz parte das variadas formas de lidar com o preconceito na escola.

Ao confrontarmos as produções escritas dos projetos de intervenção com as apresentações dos grupos no encontro presencial, ficou evidente o quanto as cursistas têm mais facilidade para apresentarem seu trabalho oralmente do que por escrito. Nesse sentido, o encontro presencial foi um momento muito produtivo, em que os trabalhos desenvolvidos foram discutidos por todos/as os/as participantes e, no qual pudemos observar as apropriações teóricas ocorridas ao longo do curso. Notamos, ainda, o que ficou fragilizado e, que ainda precisamos dar mais ênfase ao trabalharmos as concepções teóricas. No entanto, consideramos os momentos de troca de experiências como muito importantes para o desenvolvimento do curso.

Ao encerrarmos o curso, avaliamos que lançar mão dos projetos de intervenção como uma das estratégias de avaliação foi um fator que contribuiu para que se estabelecesse uma relação dialógica entre teoria e prática, e que, ampliou o conhecimento e a aprendizagem de todos os envolvidos: professor/cursista/alunos/professores do curso.

Assim, concluímos que a formação continuada de professores para a implementação da lei 10.639/2003 constitui-se em fator importante para as mudanças nas atividades práticas dos/as professores/as e a capacitação de profissionais da educação contribui para o enfrentamento à discriminação e ao racismo. Os trabalhos desenvolvidos ganharam visibilidade nas comunidades, fazendo que, em muitos casos, houvesse mobilização e interesse por parte de outros/as professores/as em relação às temáticas abordadas, o que nos dá indícios de que o trabalho terá continuidade e a adesão de outros sujeitos.

Assim, observamos que, o que mudou no cotidiano escolar da rede municipal da Serra/ES foi e está sendo o empenho dos professores em realizar projetos. A mudança também está presente nas escolas que realizam anualmente a Semana da Consciência Negra, cabe notar não mais o dia, mas a semana. Está presente, também, no trabalho realizado pela Coordenação de Estudos Étnico-Raciais e Diversidade.

Conseguimos implementar a Lei 10.639/2003 em toda a rede municipal? Não. O município possui 136 unidades de ensino. Porém, a cada ano avançamos. Cotidianamente estamos presentes nas instituições escolares. Nas formações de pedagogos e professores de educação infantil e ensino fundamental, nas unidades de ensino compartilhando conhecimentos,

ensinando e aprendendo. Assim, caminhamos, reconhecendo e trabalhando com as diferenças e procurando sempre fazer a diferença.

[...] Ainda sou poeta  
meu poema  
levanta os meus irmãos.  
Minhas amadas  
se preparam para a luta,  
os tambores  
não são mais pacíficos  
até as palmeiras  
têm amor à liberdade...[...].  
(TRINDADE, Solano. 2016)

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Inaldete Pinheiro de. Construindo a autoestima da criança negra. In: MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. 2.ed. Brasília: MEC/SECAD, 2005. p. 117-124.

BARRETO Maria A. S. C.; ANDRADE Patrícia G. R. Práticas educacionais inclusivas e a formação de professores: contribuições do Núcleo de Estudos Afrobrasileiros da UFES. In: BARRETO, Maria A. S. C. et al. (Org.). **Africanidade(s) e Afrodescendência(s): perspectivas para a formação de professores**. 1.ed. Vitória: EDUFES, 2012, p. 95-116.

BARROSO, Ary. **No tabuleiro da baiana**. 1936. Caetano Veloso e Gal Costa, vozes. Álbum Aquarela do Brasil. Polygram/Philips, vinil, 1980. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br> > MPB > G > Gal Costa >> Discografia. Acesso em: 10 out. 2016.

BORGES, Edson; MEDEIROS, Carlos; D`ADESKY, Jacques. **Racismo, preconceito e intolerância**. 5.ed. São Paulo: Atual, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico - raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Brasília: MEC/Secretaria Especial de Políticas de Promoção de Igualdade Racial/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. 2004. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/10/DCN-s-Educacao-das-Relacoes-Etnico-Raciais.pdf>>. Acesso em: 23 set. 2016.

BRASIL. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: <[https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm)>. Acesso em: 05 set. 2016.

BRASIL. **Plano nacional de implementação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações Étnico-Raciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana**. Brasília: MEC/SECAD, 2008. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=1852-diretrizes-curriculares-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 05 set. 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43.ed.

São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, N. L. Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou resignificação cultural? In: FÁVERO, Osmar e IRELAND Timothy Denis (Org.) **Educação como exercício da diversidade**. 1.ed. Brasília: UNESCO. MEC. ANPED. 2005, p. 222 a 249. Disponível em:

<[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_docman&view=download&alias=647-vol7div-pdf&Itemid=30192](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=647-vol7div-pdf&Itemid=30192)>. Acesso em: 08 out.2016.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. **Educação e Pesquisa**. vol. 29 n°.1. São Paulo. Jan./June 2003. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022003000100012](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000100012) >. Acesso em: 11 out. 2016.

LEITÃO, Mércia Maria; DUARTE, Neide. **Formas e cores da África**. Ilustradora Simone Matias. 1.ed. São Paulo: Editora do Brasil. 2014.

MUNANGA, Kabengele (org). **Superando o racismo na escola**. 2.ed. Brasília: MEC/SECAD, 2005.

OLIVEIRA, Jair. **Normal é ser diferente**. Disponível em: <[https://www.vagalume.com.br/J › Jair Oliveira](https://www.vagalume.com.br/J%20Jair%20Oliveira)>. Acesso em: 10 out. 2016.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. 3.ed. Rio de Janeiro. Bertrand- Brasil, 1995.

PORTAL DOS MITOS. **Anansi**. 23 maio 2016. Disponível em: <<http://portal-dos-mitos.blogspot.com.br/2013/01/anansi.html>>. Acesso em: 28 jul. 2016.

ROSA, Sonia. **O tabuleiro da baiana**. 1.ed. Ilustradora Rosinha Campos. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SANTANA, Patrícia. **Minha mãe é negra sim**. 1.ed. Ilustrador Hyvanildo Leite. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2008.

SANTOS, David José dos. **Contos Africanos**. Histórias dos povos de língua portuguesa. Zangu Cultural, 2014. Disponível em: <[http://www.perse.com.br/novoprojetoperse/BSU\\_Data/Books/N1396152972986/Amostra.pdf](http://www.perse.com.br/novoprojetoperse/BSU_Data/Books/N1396152972986/Amostra.pdf)>. Acesso em: 09 mai. 2016.

SILVA JR., Hélio; BENTO, Maria Aparecida Silva; CARVALHO, Sílvia Pereira de. **Educação Infantil e práticas promotoras de igualdade racial**. São Paulo: Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade – CEERT: Instituto Avisalá – Formação continuada de educadores, 2012. Disponível em: <<http://pt.slideshare.net/dreamlu/ed-infantil-praticas-de-igualdade-racial>>. Acesso em: 13 maio 2016.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Aprender, ensinar e relações étnico raciais no Brasil**. *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 3 (63), p. 489-506, set./dez. 2007. Disponível em: <[revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/2745/2092](http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/download/2745/2092)>. Acesso em: 11 out. 2016.

SOLER-PONT, Anna. Os dois reis de Gondar. In: SOLER-PONT, Anna. **O príncipe medroso e outros contos africanos**. Ilustradora Pilar Millán. Tradutor Luis Reyes Gil. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 19-21.

TRINDADE, Francisco Solano. **Canto dos Palmares**. Disponível em: <<https://eupassarim.wordpress.com/2010trindade-o-poeta-negro/>>. Acesso em: 14 out. 2016.